

## 2

### Discursos historicizantes: transformação e apropriação

Neste capítulo, tentaremos evidenciar alguns elementos contemporâneos que possam definir o estado atual da questão – como os discursos historicizantes apresentam-se para o público em geral e quais os paralelismos construídos entre duas temporalidades históricas distantes. Se a história dos homens mudou tanto desde o medieval século XII até o século XX e o XXI em que vivemos, quais as operações discursivas que reúnem semanticamente esses recortes temporais?

Se há nestes discursos a tentativa de eliminar as diferenças entre passado e presente, como os conceitos fundamentais do Islã, imutáveis por definição, podem operar em épocas tão distintas? Não resolveremos definitivamente esta questão, mas desejamos apontar alguns caminhos e, ao longo deste capítulo, mostrar as alternativas de interpretação para uma mesma idéia – a de *Jihad* (ou “guerra santa”).

#### 2.1

##### O Islã e os Povos do Livro

A partir do preceito teórico maometano de boa convivência entre as três “religiões do livro”<sup>1</sup>, observamos no mundo medieval islâmico, mesmo durante períodos de conflito como a época das Cruzadas, uma tradição de tolerância e convivência em relação a cristãos e judeus. Fosse através do comércio ou de alianças fugazes, mesmo os contatos entre ocidentais e muçulmanos não se

---

<sup>1</sup> O Profeta Maomé considerava o Islã uma versão mais aperfeiçoada do cristianismo e do judaísmo e, portanto, pregava que os muçulmanos deviam respeito e proteção a essas comunidades. Essa tradição foi, em grande parte, cumprida no Islã medieval.

restringiam à guerra, o que abriu espaço para um possível convívio e reconhecimento, mesmo sob o estado geral de conflito que marcou o período. Os grupos judaicos e as diversas igrejas cristãs orientais foram muitas vezes perseguidos pelos cruzados e protegidos pelos muçulmanos, o que demonstra uma ruptura de um *modus vivendi* secular no Oriente Médio.

O período da Idade Média do Islã<sup>2</sup>, entre os séculos XI e XIV, foi um período no qual a anterior estabilidade e confiança num mundo islâmico em expansão territorial, cultural e econômica foi abalada por uma tripla invasão de povos. Os cruzados cristãos, vindos do Ocidente e atacando sistematicamente a Palestina, a Síria, e o Egito por duzentos anos; os turcos (nômades das estepes da Ásia Central) que invadiram e arrasaram a Pérsia e a Mesopotâmia; e finalmente os mongóis, que atravessaram toda a Ásia até serem derrotados às margens do Mediterrâneo; estes os responsáveis pela queda de Bagdá e o fim definitivo do Califado Abássida<sup>3</sup>. Neste contexto de múltiplas perturbações da ordem política tradicional, o reinado de Saladino representou um projeto de unidade, universalismo e fim das disputas internas num contexto de múltiplas perturbações na ordem política tradicional.

A imagem mais forte derivada das fontes primárias acerca de Saladino e sua época é a de um líder que conjugava a guerra com compaixão, tolerância e generosidade para com o inimigo. Ações contra pessoas desarmadas, ataques surpresa, morte de civis inocentes e suicídio são ações que contrariam diretamente o código de virtude guerreira de Saladino, em boa parte baseado nos preceitos do profeta Maomé e do Alcorão. Em sua vida, Saladino foi adversário da seita dos Assassinos<sup>4</sup>, e repudiava as práticas dos ataques suicidas que marcaram esta organização.

A época de Saladino e seus descendentes, dinastia ayyúbida, que governou entre 1171 e 1248, corresponde a uma temporalidade caracterizada pela tolerância

---

<sup>2</sup> Expressão utilizada por alguns autores, entre eles, DEMANT, P., *O Mundo Muçulmano* e DURANT, W., *A Idade da Fé*.

<sup>3</sup> Califado baseado na cidade de Bagdá, entre 750 e 1258, responsável pela época áurea do Islã clássico.

<sup>4</sup> Seita xiita-ismaelita radical contrária ao *status quo* sunita; este grupo enviava ações homicidas contra os poderosos da época. A palavra “Assassino” nas línguas ocidentais possui origem justamente nesta organização, que se tornou infame durante o período das Cruzadas. Cf. parte 4.12 deste trabalho.

e abertura do Islã aos seus inimigos cristãos, como mostram os contatos com as cidades italianas - Veneza e Gênova - e as alianças com o imperador germânico, Frederico II (1194–1250).<sup>5</sup> Este período termina com a queda da dinastia em 1250 d.C., após a reviravolta política desencadeada pela invasão do Egito empreendida pelo rei francês Luís IX (tornado santo posteriormente pela Igreja Católica). Estes acontecimentos inauguraram um tempo de maior intolerância, endurecimento e desconfiança em relação aos cristãos (período mameluco<sup>6</sup>), até a expulsão final dos Cruzados e a tomada de suas últimas praças-fortes: Antióquia (1269) e Acre (1291).

Iremos identificar, no presente e no passado islâmicos, quais as relações entre uma determinada configuração política e a formação de grupos dissidentes social, religiosa e politicamente. Os dois recortes históricos considerados brevemente neste capítulo (o século XII e o final do XX / início do XXI) propiciam à nossa análise alguns paralelismos: ambos caracterizam situações em que o Islã se sente invadido e espoliado.

## 2.2

### **A apropriação do símbolo de Saladino por agentes políticos nos séculos XX e XXI**

No Oriente Médio atual, os conflitos contemporâneos foram marcados pelas disputas em torno do petróleo e, em vários aspectos, por um choque cultural entre oriente e ocidente. A globalização produziu reações à imposição da uniformidade econômica e cultural: a valorização da história e da cultura local. Segundo Bernard Lewis<sup>7</sup>, a atual onda de fundamentalismo religioso e práticas violentas podem ser consideradas uma manifestação da globalização, a partir do princípio

---

<sup>5</sup> Cf. MAALOUF, *As Cruzadas Vistas pelos Árabes*, capítulo “O justo e o perfeito”.

<sup>6</sup> Mamelucos: escravos turcos que controlavam o exército dos ayyúbidas, e que subiram ao poder após destronar o último dos ayyúbidas, Ayyub, no momento da invasão francesa ao Egito, em 1250.

<sup>7</sup> Cf. LEWIS, *A Crise do Islã*.

de que a aculturação, desnacionalização e uniformização de hábitos, crenças e práticas são ingredientes essenciais para o recrutamento de jovens suicidas. Pertencer à organização extremista passa a ser mais importante do que a nacionalidade ou a cultura islâmica local. Organizações como a rede al-Qaeda operam ainda com o antigo conceito de que o mundo é dividido entre o *Dar al-Islam* (“Casa do Islã”) e o território dos infiéis, o *Dar al-Harb* (“Casa da Guerra”).

A história islâmica é atualmente instrumentalizada como fonte de inspiração, justificativa e explicação dos atos violentos e práticas terroristas. Nesse ponto, abordaremos especificamente como, em que sentido e por que o personagem de Yussef Salah-al-Din ibn Ayyub foi apropriado. Como Saladino foi descrito por seus contemporâneos (cronistas e historiadores árabes) e como ele é percebido hoje? Quais as mudanças do valor moral deste personagem neste percurso? Proporemos algumas respostas adiante, ao analisarmos o *al-Nawadir* de Bahaheddin e comparar seus valores aos dos governantes e fundamentalistas que invocam a figura do sultão.

Abaixo segue um trecho do documento *A Verdade por Trás da Nova Cruzada*, um dos poucos documentos escritos oficiais divulgados pela rede al-Qaeda<sup>8</sup>:

If the Americans do not respond to our advice, they will be cursed by Bush’s sad tidings inviting them to a Crusade in which they will be defeated at the hands of the Mujahideen, with the permission of Allah, as did their predecessors, the Crusaders at the hands of our predecessors, the mujahideen.<sup>9</sup>

*Se os americanos não responderem ao nosso aviso, eles serão amaldiçoados pelas tristes conclamações de Bush os convidando para uma Cruzada na qual eles serão derrotados pelas mãos dos mujahideen, com a permissão de Deus, como fizeram seus predecessores, os Cruzados nas mãos dos nossos predecessores, os mujahideen.*

---

<sup>8</sup> “Em nome de Allah”, documento da rede al-Qaeda, novembro de 2002; Cf. FOU DA e FIELDING, *Masterminds of Terror*.

<sup>9</sup> *Mujahideen*, ou “combatentes da fé”.

De fato, logo após os atentados de 11 de Setembro, o presidente Bush fez a seguinte declaração: “Essa Cruzada, essa guerra contra o terror, vai durar muito tempo”.<sup>10</sup>

O presidente estadunidense, em uma interpretação livre, parece falar a mesma linguagem de seus adversários, situando-se no mesmo sistema simbólico de significados. Não entraremos no mérito desta questão – se ele se referia aos eventos históricos propriamente ditos ou se empregou a palavra “Cruzada” na acepção comum de “dever, missão”. Mais relevante é como essa mensagem foi recebida por seus adversários fundamentalistas.

Segundo Amin Maalouf, as cruzadas, para os árabes, não são apenas um evento do passado, elas constituem um processo atual, materializado na presença de tropas americanas no Iraque e em outros países da região e também na existência do Estado de Israel, que vive em conflito com seus vizinhos desde a sua fundação em 1948. Os conflitos nesta região evocam as mesmas cidades e topônimos em disputa durante o período das cruzadas: Tiro, Haifa, Jerusalém, Bekaa, Golan, Damasco, dentre outras

Ainda de acordo com Lewis, o momento conturbado em que vivem os países do Oriente Médio, de relativa decadência e perda de uma liderança cultural, científica e filosófica que já possuíram no passado, leva a algumas formas de frustração e rancor coletivos contra o Ocidente, suas instituições, idéias, modos de vida e governos. Muitas vezes, essas organizações agem à revelia dos governos e das autoridades islâmicas, sendo uma facção dissidente dentro de seus próprios países, como a rede al-Qaeda, considerada ilegal na maioria dos países árabes e muçulmanos. Em outros casos, contam com a ajuda indireta ou com uma passividade por conta de governos simpatizantes, como o grupo libanês Hezbollah, apoiado por Síria e Irã. De qualquer maneira, toda a comunidade internacional foi obrigada a se posicionar a favor ou contra estes grupos, já que a agenda imposta ao mundo pelos E.U.A. passou a ter como eixo principal a chamada “guerra ao terror”.

---

<sup>10</sup> BUSH G. W., presidente dos EUA, 16 setembro de 2001 (5 dias após os atentados do 11 de setembro). **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 22 de setembro de 2001, manchete primeira página.

Neste ambiente de diversos conflitos, que são complexos e estão inter-relacionados, o *topos* da libertação empreendida por Saladino retorna forte a um mundo muçulmano que se sente agredido e invadido. Não por acaso, foram feitas atualmente várias alusões comparando o momento em que vivemos com a época das Cruzadas. Para o fundamentalismo islâmico, mas também para muitos radicais cristãos, a época das Cruzadas nunca terminou: a situação em que vivem hoje seria mera continuação de uma antiga inimizade. Mesmo para os não-fundamentalistas, a instrumentalização da figura de Saladino foi um artifício útil e popular para partidos políticos, líderes nacionalistas e movimentos religiosos ao longo do século XX.

Nesse sentido, concordamos com o ponto de vista abordado por Amin Maalouf no epílogo de sua obra *As Cruzadas Vistas Pelos Árabes*:

Ora, às vésperas do terceiro milênio, os responsáveis políticos e religiosos do mundo árabe se referem constantemente a Saladino, à queda de Jerusalém e à sua retomada. Israel é assimilado, na acepção popular como em certos discursos oficiais, a um novo Estado cruzado. Das três divisões do Exército para a libertação da Palestina, uma traz ainda o nome de Hittin e uma outra o de Ain Jalut<sup>11</sup>. O presidente Nasser, no tempo de sua glória, era regularmente comparado a Saladino, que como ele havia unido a Síria e o Egito – e até o Iêmen! No que se refere à expedição de Suez de 1956, ela foi vista do mesmo modo que a de 1191, como uma cruzada conduzida pelos franceses e ingleses.

É verdade que as semelhanças são perturbadoras. Como não pensar no presidente Sadat, ao se ouvir Sibt Ibn al-Jawzi denunciar, diante do povo de Damasco, a “traição” do mestre do Cairo, al-Kamel, que ousou reconhecer a soberania do inimigo com relação à Cidade Santa? Como distinguir o passado do presente, quando se trata da luta entre Damasco e Jerusalém pelo controle de Golan ou Bekaa?

Num mundo muçulmano perpetuamente agredido, não se pode impedir a emergência de um sentimento de perseguição, que toma, entre alguns fanáticos, a forma de uma perigosa obsessão: não se viu, a 13 de maio de 1981, o turco Mehemet Ali Agca atirar no papa após ter explicado numa carta: “Decidi matar João Paulo II, comandante supremo dos cruzados”? Além desse ato individual, está claro que o Oriente árabe vê sempre no Ocidente um inimigo natural. Contra ele, todo ato hostil, quer seja político, militar ou relativo ao petróleo, não passa de desforra legítima. E não se pode duvidar de que a ruptura entre estes dois mundos data das cruzadas, vistas pelos árabes, ainda hoje, como uma violação.<sup>12</sup>

<sup>11</sup> Batalhas em que os muçulmanos obtiveram vitórias decisivas; Hittin em 1187 (contra o exército cristão do Reino de Jerusalém) e Ain Jalut em 1260 (contra os mongóis / tártaros).

<sup>12</sup> MAALOUF, *As Cruzadas Vistas pelos Árabes*, p.p. 244 – 245.

Para o ocidente, por sua vez, a memória das Cruzadas continuou, e seus líderes viraram heróis (como Ricardo Coração-de-Leão, da Inglaterra) e santos (Luís IX da França). Vejamos dois exemplos. Em 1917, durante o processo de expulsão dos turcos das terras árabes, o general inglês Allenby<sup>13</sup>, comandante das tropas inglesas no Oriente Médio, derrotou a guarnição turca de Jerusalém. Em seu discurso, comparou-se ao rei Ricardo, que no entanto nunca conseguira entrar na cidade. Em todas as outras cidades da região, os encarregados da entrada triunfal foram seus aliados, o rei Faïçal e Lawrence da Arábia<sup>14</sup>, exceto na mais importante simbolicamente para os cristãos ingleses - Jerusalém.

Atualmente, com a decadência dos movimentos nacionalistas laicos no Oriente Médio, e o aumento de prestígio dos fundamentalistas e radicais, a figura mítico-histórica do sultão Saladino é mais uma vez re-significada, re-valorada e transfigurada. No século XXI, o acúmulo de tantas interpretações, tanto no Ocidente quanto no Islã, fazem de Saladino um sultão multifacetado nas mãos de movimentos políticos, religiosos e grupos terroristas. Não por acaso, a rede al-Qaeda divulgou, em uma rara manifestação pública escrita, um documento “assinado” por Saladino ibn Ayyub – fonte de inegável autoridade, em carta que responde à declaração de Bush:

(By): Defeater of the Crusaders: Saladin Al-Ayyubi. Allah has disclosed the beliefs of the crusaders and brought out into the light what their hearts tell towards the Muslims. The American President, Bush, ran out of patience and could not keep his belief secret. He stated in a press conference on Sunday, 16 September 2001 that ‘this Crusade, this war on terrorism, is going to take a long time’. He tried later to cover up the real meaning of that statement by visiting the Islamic Center in America<sup>15</sup>”. (“A Verdade por trás da nova Cruzada”, documento da rede Al-Qaeda, setembro de 2001).

*Por: Aquele que derrotou os Cruzados: Saladino al-Ayyubi. Deus destrancou os corações dos cruzados e trouxe à luz o que seus corações lhes dizem sobre os muçulmanos. O presidente americano, Bush, perdeu a paciência e não pôde mais manter sua crença em segredo. Ele declarou em uma coletiva de imprensa no domingo, 16 de setembro de 2001 que “Essa Cruzada, essa guerra contra o terror, irá durar bastante tempo”. Ele tentou depois esconder o verdadeiro significado dessa declaração visitando um centro islâmico na América.*

<sup>13</sup> General britânico, 1861 – 1936. Cf. CATHERWOOD, *A Loucura de Churchill*.

<sup>14</sup> Faïçal I (1885 – 1933), rei do Iraque entre 1921 e 1933; T.E. Lawrence (1888 – 1935), arqueólogo, militar, agente secreto, diplomata e escritor britânico.

<sup>15</sup> IN FOUADA; FIELDING, *Masterminds of Terror*, p. 198.

A instrumentalização do tema saladinesco por parte de grupos fundamentalistas que utilizam a violência contra civis constitui, na interpretação que estamos construindo, a total inversão do personagem Saladino, e de alguns de seus valores máximos (respeito para com o adversário) – como veremos adiante. O objetivo destas organizações é causar o medo, a insegurança, a sensação de que qualquer um pode ser atacado em qualquer lugar, a qualquer momento, e não hesitam em utilizar as formas midiáticas mais modernas (televisão e Internet) para divulgar a sua mensagem de medo e terror. Os fundamentalistas não reconhecem a humanidade do Outro. Sua retórica é maniqueísta; aos seus argumentos não cabe refutação. Não possuem espírito de negociação, pois querem suprimir seus inimigos incondicionalmente.

De fato, passado e presente se misturam no discurso extremista, no qual o autor de um manifesto é o mesmo Saladin al-Ayyubi que conquistou Jerusalém em 1187. Os conflitos da região dão a justificativa adequada para evocarem-se a união em torno de um ideal religioso. Dessa forma, por exemplo, a rede al-Qaeda, de orientação sunita, se une aos xiitas do Hezbollah nos protestos contra a ocupação israelense dos territórios palestinos e à presença estadunidense no Iraque. Um ideal de *Dar-al-Islam*, expressão que significa mundo islâmico, que se traduz numa religião universal, que reúne povos de países e culturas diferentes, hoje assim como nos séculos XI e XII. Vejamos um discurso de aproximadamente oitocentos anos atrás:

Vocês ousam vacilar à sombra de uma tranqüila segurança, numa vida frívola como flor de jardim, enquanto seus irmãos sírios têm por única morada o lombo dos camelos ou as entranhas dos abutres? Quanto sangue derramado! Quantas belas moças tiveram que, envergonhadas, esconder seu rosto meigo nas mãos. (...) Os valorosos árabes conformam-se com a ofensa e os bravos persas aceitam a desonra? (...) A pior arma do homem é verter lágrimas quando as espadas ateam o fogo da guerra. (...) Nunca os muçulmanos foram humilhados desta forma, nunca antes suas terras foram tão agressivamente devastadas<sup>16</sup>.

Observam-se alguns paralelismos entre este discurso medieval e um contemporâneo: o tema da derrota, da honra a ser reparada e a denominação, no segundo texto, do inimigo como cruzado.

---

<sup>16</sup> Discurso do Cádi Abu-Saad al-Harawi para a multidão sob a tenda do Califa al-Mustazhir-billah, em Bagdá (após a queda de Jerusalém para os cristãos da 1ª Cruzada, final século XI) IN MAALOUF, *As Cruzadas vistas pelos Árabes*, p. 14.

Em gravação divulgada na rede de TV árabe Al Jazira, Al Zawahiri disse que o Hizbollah e os grupos terroristas palestinos que confrontam Israel em Gaza não serão detidos com cessar-fogo. ‘A guerra com Israel não depende de cessar-fogo (...) É uma jihad pela honra de deus e irá durar enquanto nossa religião prevalecer’, afirmou, na décima mensagem divulgada neste ano. Al Zawahiri afirmou ainda que os foguetes e mísseis que atingem Gaza e o Líbano ‘não são apenas armas de Israel, mas são financiadas pelos países da coalizão cruzada’. e que, por isso, ‘todos os países que participarem [dos ataques] pagarão seu preço’. ‘Não podemos apenas assistir a estas bombas e mísseis matando nossos irmãos em Gaza e no Líbano e ficar parados, humilhados’, afirmou Al Zawahiri. Segundo ele, os muçulmanos devem ‘se unir para atacar os cruzados e sionistas’ e ‘apoiar a jihad em qualquer lugar<sup>17</sup>’.

Linguagem, identidade, discursos apropriados e recriados: instrumentos que animarão os fundamentalistas do século XXI em sua resistência contra aqueles que são vistos como invasores e cruzados ocidentais.

Nomear e constituir são atos lingüísticos que resultam na existência identitária de um sujeito que se faz presente, seguindo o argumento de Pierre Bourdieu<sup>18</sup> em *A Economia das Trocas Lingüísticas*. A autoridade do sultão Saladino, que se revestiu em roupagens míticas ainda em seu tempo de vida, oitocentos anos depois se reconstrói num contexto analógico ao outro, no qual o Islã se sente invadido e desrespeitado por invasores estrangeiros. A evocação à imagem de Saladino, no texto da rede al-Qaeda, é poderosa: ela anima as operações violentas contra o ocidente, assume o regime discursivo do grupo e estabelece uma continuidade linear entre o tempo das Cruzadas e o nosso próprio tempo. Saladino ocupa neste momento o *locus* de “detentor do cetro”, procurador deste grupo, símbolo de uma unidade e força que se deseja recuperar, um emissor legítimo do discurso de manifesto político e desqualificação dos inimigos. O Saladino simbólico passa a ter o poder de transpassar as identidades étnicas e culturais regionais, extinguindo as fronteiras territoriais e proclamando para todo o Islã: “unam-se ao redor de mim, como no passado”. O Saladino histórico, um sultão curdo que abriu o seu caminho político através de muitas lutas contra dissidentes de sua própria religião, transfigura-se em agente simbólico capaz de unir árabes, turcos e persas contra a “invasão ocidental”.

<sup>17</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, edição de 27/07/2006, páginas 2 e 3.

<sup>18</sup> BOURDIEU, P., *A Economia das Trocas Lingüísticas*.

Segundo Bourdieu, as situações de crise levam a discursos extraordinários. A atual crise prolonga-se já há alguns anos, e seu discurso tende a enraizar-se e naturalizar-se entre os povos árabe-muçulmanos

Essa operação semântica é facilitada por dois elementos: o orgulho e memória que os povos árabe-muçulmanos têm de sua história, e o sentimento de retaliação a uma agressão. Desde o fim da I Guerra Mundial, em 1918, as potências ocidentais (E.U.A., Inglaterra e França) jogam com os povos árabes conforme o seu interesse. A fundação do Estado de Israel, em 1948, foi para muitos como a ocupação da Palestina pela Cruzada de 1098: uma agressão e invasão de povos de uma fé estrangeira.

Mas há uma diferença importante entre ontem e hoje: se antes, os judeus tendiam a apoiar os muçulmanos, devido ao fanatismo e anti-semitismo dos cruzados, hoje o mundo “sionista” alia-se à principal potência ocidental, cujo presidente, que convocou a “nova Cruzada”, é um fervoroso cristão.

Diante da refiguração completa do legado de Saladino, cabe-nos indagar a respeito das origens históricas e historiográficas de uma lenda. Quem foi o Saladino histórico e quais de suas ações contribuíram para a imortalização de seu nome? Qual o significado dos feitos de Saladino dentro de seu próprio universo cultural, social e semântico? Que valores a figura do Sultão encarnava originalmente? Tais questionamentos podem ser úteis, à luz dos problemas contemporâneos, para nos precisar a origem da tradição saladinesca.

Para tanto, um bom ponto de partida é a análise histórica e literária do documento medieval árabe *al-Nawadir al-Sultaniyya wa'l Mahasim al-Yusifyya*<sup>19</sup>, título que se traduz por “A Rara e Excelente História de Saladino”. Esta obra é em uma das fontes primárias escritas em árabe mais utilizadas no estudo da Terceira Cruzada e da vida de Saladino. Sua relevância e autenticidade consistem no fato de que o autor foi contemporâneo e partícipe dos fatos ali narrados, conforme veremos no quarto capítulo deste trabalho.

---

<sup>19</sup> IBN SHADDAD, *The Rare and Excellent History of Saladin*. Edição traduzida diretamente do árabe medieval para o inglês por D.S. Richard (Universidade de Oxford) a partir da recente edição do “manuscrito de Jerusalém”, guardado na Biblioteca da Mesquita de Aqsa (Jerusalém), por Gamal al-Din al-Shayyal (Cairo, 1964).

## 2.3 História e historiografia das Cruzadas no mundo árabe

O historiador estadunidense Bernard Lewis afirma que, atualmente, as cruzadas ocupam um espaço proeminente na consciência e no discurso do moderno Oriente Médio, “tanto dos árabes nacionalistas quanto dos fundamentalistas, notadamente Osama bin Laden”. Entretanto, segundo a análise do autor, esse fato é relativamente recente. Na historiografia islâmica tradicional, as cruzadas suscitaram pouco interesse no mundo muçulmano como um todo, sendo consideradas como acontecimentos de fronteira de importância apenas local.

Nos últimos duzentos anos,<sup>20</sup> a relação entre a Europa moderna e os países islâmicos do Oriente Médio são pautadas pelo imperialismo político e a exploração de seus recursos naturais e humanos. Esse fato gerou desdobramentos importantes na consciência histórica muçulmana contemporânea, e os eventos conhecidos como as Cruzadas passaram a exercer papel histórico e político significativo, tanto para a elite dirigentes quanto para a população em geral. Segundo B. Lewis:

Foi também no século XIX que surgiu o interesse dos muçulmanos pelas cruzadas, em contraste com o notável grau de desinteresse que mostraram pelas mesmas na época em que ocorreram. A vasta e rica historiografia árabe do período registra adequadamente a chegada dos cruzados, suas batalhas e os Estados que estabeleceram, mas mostra pouca ou quase nenhuma compreensão da natureza e dos propósitos de seus empreendimentos. As palavras cruzada e cruzado nem ao menos ocorrem na historiografia árabe da época: os cruzados são designados por infieis, cristãos ou, mais freqüentemente, francos, um termo genérico para cristãos europeus católicos (...) usado a fim de distingui-los de seus correligionários ortodoxos e orientais. A visão das cruzadas como um fenômeno histórico distinto data do século XIX, bem como a tradução de livros de história europeus. Desde então, existe um novo entendimento das cruzadas como um protótipo inicial da expansão do imperialismo europeu sobre o mundo islâmico<sup>21</sup>.

Saladino vem sendo, desde então, fonte de inspiração para líderes árabes. Saddam Hussein, ex-ditador iraquiano, referia-se sempre a dois dirigentes

<sup>20</sup> Se considerarmos como marco inicial de interferência direta nos assuntos de um país muçulmano a invasão do Egito por Napoleão Bonaparte, em 1798.

<sup>21</sup> LEWIS, B, *A Crise do Islã*, p.p. 61-62.

históricos: Saladino, que derrotara os ocidentais de seu tempo, e Nabucodonosor<sup>22</sup>, que expulsara os judeus da Palestina e acabara com o Estado judaico.

Ainda de acordo com Lewis, após os atentados de 11 de setembro de 2001, Osama bin Laden, o líder da organização al-Qaeda, que supõe-se ter organizado e planejado o ataque, deixa claro a maneira que percebe esse conflito, ao definir repetidamente seus inimigos como “cruzados”. Os cruzados não mais guerreiros montando em cavalos e portando espadas, mas os judeus de Israel e os Estados Unidos e outros países aliados, como Espanha e Inglaterra.

Os exemplos mostrados ao longo do capítulo podem indicar que a consciência histórica neste tipo de discurso político ocorre não pela via da crítica e da possibilidade de novas interpretações; muitas vezes há uma operação cognitiva de aproximação temporal e descontextualização dos conceitos e significados históricos ligados às lutas medievais entre cristãos e muçulmanos. A partir do próximo capítulo, tentaremos reconstruir este contexto medieval, trazendo à luz suas particularidades e especificidades, na tentativa de se reconstituir, na medida do possível, algumas características da idade média islâmica.

---

<sup>22</sup> Rei da Babilônia (no atual Iraque), 632 – 562 a.C..